

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. «União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração: «Santuário da Fátima»

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 de Setembro)

A peregrinação diocesana da Guarda

Dois factos, ambos importantes, mas de índole completamente diferente, tornaram assaz assinalado o dia 13 de Setembro deste ano: a grande peregrinação oficial da diocese da Guarda e a piedosa trasladação dos restos mortais de Jacinta de Jesus Maria, uma das três testemunhas das aparições, para o cemitério paroquial de Fátima.

Os peregrinos da nobre diocese egíptiense, que eram em número superior a cinco mil, seguiram para a Lourdes portuguesa, parte deles, no dia 12 de madrugada, em três combóios especiais, pela linha de Oeste, até Leiria, e a outra parte, na tarde do dia 11, em centenas de automóveis e camionnettes.

O organizador desta grandiosa e imponente manifestação de piedade em honra da augusta Rainha de Fátima, delegado para esse efeito por Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Matoso, ilustre e venerando Bispo da Guarda, foi Mons. Cónego António Pereira de Almeida, Vigário Geral Substituto e Secretário particular do mesmo Ex.^{mo} Prelado, que não se poupou a trabalhos e fadigas para que ela fosse coroada do mais lisonjeiro êxito, como realmente foi.

O primeiro combóio, formado em Celorico da Beira com mais de oitocentos peregrinos daquela região, era presidido por este distinto sacerdote.

O segundo combóio, também com cerca de oitocentos peregrinos, partiu directamente da Guarda sob a presidência do virtuoso Prelado, que era acompanhado pelos revs. Cónego dr. João Gomes de Carvalho, Juiz prosinodal, e P. Alfeu dos Santos Pires e P. Adelino Alves Genro, respectivamente vice-reitor e professor do Seminário Maior.

No terceiro combóio, que transportava ainda maior número de peregrinos, veio a presidir Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. João de Oliveira Matos, venerando Bispo Auxiliar.

Os dois primeiros combóios da peregrinação diocesana da Guarda chegaram a Leiria às primeiras horas da tarde, tendo sido os peregrinos imediatamente conduzidos em camionnettes para a Cova da Iria. O último chegou muito mais tarde, já de noite, e com grande atraso.

Antes de se iniciar a recitação do terço do Rosário que costuma preceder a procissão das velas, todos os peregrinos, excepto os do último combóio, que só chegaram ao local das aparições cerca das duas horas da madrugada, se reuniram na grande escadaria da Basílica, onde Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Matoso lhes deu a bênção.

A procissão das velas, que decorreu na melhor ordem, constituiu um espectáculo extraordinariamente deslumbrante e encantador. Para isso concorreu também o tempo, porque o vento, que até então soprara com certa violência, amainou entretanto e a lua iluminava com o seu pallido e suave clarão o vasto recinto sagrado.

Tinha-se incumbido de fazer a pregação do terço do Rosário, durante a cerimónia da adoração nacional, o ilustre Senhor Bispo Auxiliar da Guarda, e, devido ao atraso do combóio em que vinha, não pôde cumprir esse encargo, em que foi substituído pelo ilustre e venerando Prelado de Leiria.

Celebrou a missa da comunhão geral, às seis horas, o rev. P.^o Manuel Antunes, sobrinho de Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. António Antunes, Bispo titular de Rítila e Coadjutor de Coimbra.

Cerca de vinte sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola, distribuíram pelos fiéis, durante longo tempo, o Pão dos Anjos.

Comungaram umas dez mil pessoas.

Pouco depois das nove horas, celebrou missa de Pontifical, no altar exterior da Basílica, o nobre Prelado da Guarda.

A missa dos doentes foi celebrada pelo seu dedicado e incansável Coadjutor.

Deu a bênção aos doentes com o Santíssimo Sacramento Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

Celebraram-se ao todo, nos vinte e dois altares do Santuário, aproximadamente trezentas missas.

Do evangelho da missa dos doentes, pregou em língua portuguesa um sacerdote inglês que tinha feito os seus estudos no Colégio dos Inglesinhos, em Lisboa, e é actualmente pároco de Leicester.

A alocação então proferida vai publicada noutro local.

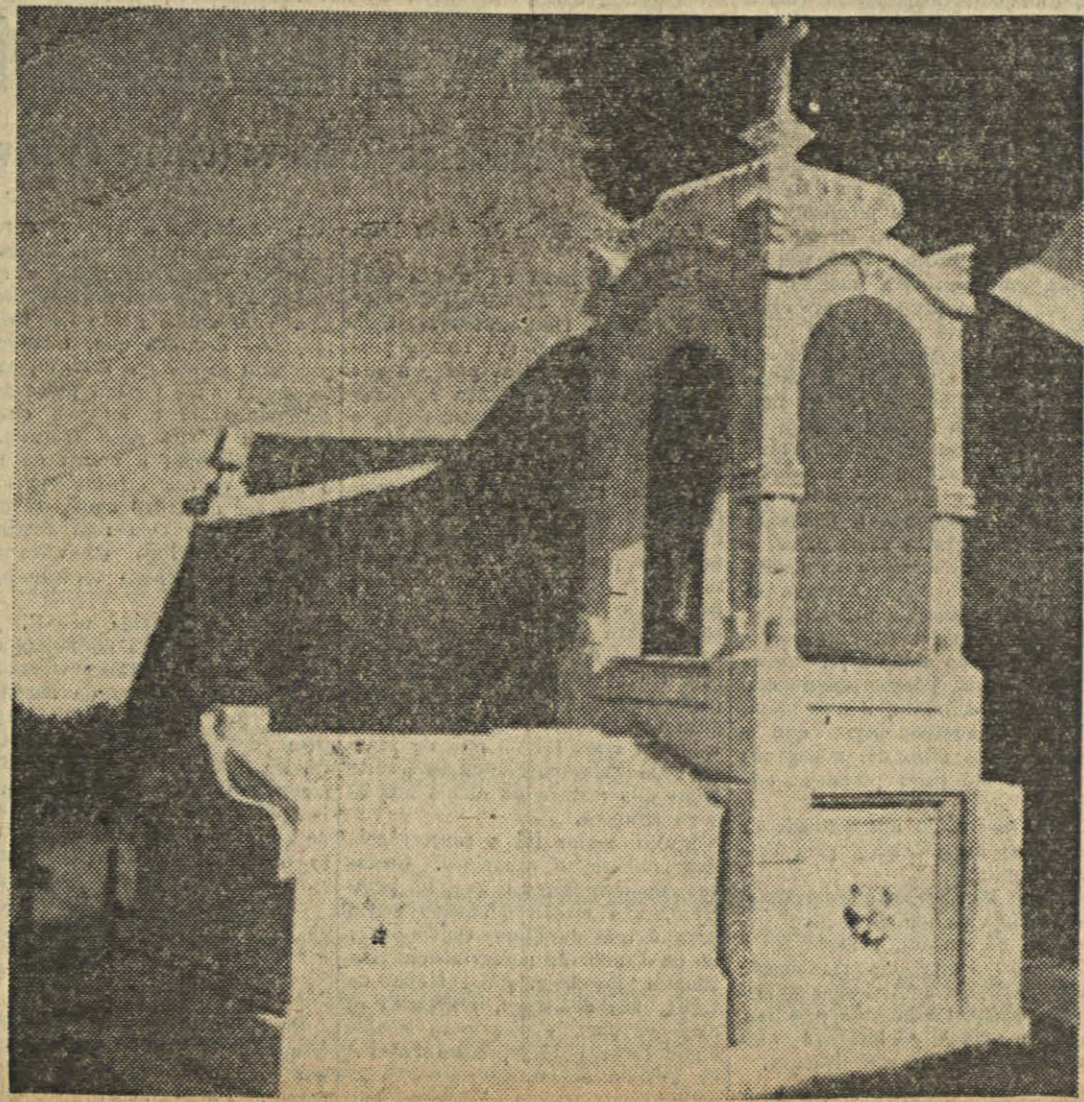
Assistiu a esta piedosa cerimónia, assim como a todos os actos religiosos comemorativos do dia treze, o rev. dr. Luís Fischer professor de História Eclesiástica na Universidade de Bamberg (Baviera-Alemanha).

O piedoso sacerdote e sábio professor, que corria a sua pena de ouro tem enriquecido a já vasta bibliografia de Fátima de numerosas obras de profunda erudição e alto relevo literário, e, como se sabe, o autor duma interessante biografia, em língua alemã, de Jacinta Marto, cuja tradução portuguesa breve... não terá dada à estampa.

Do grande amigo de Fátima

desejamos a continuação das suas melhoras e uma feliz viagem de regresso ao seu país, pedindo-lhe ao mesmo tempo que, de futuro, todos os anos nos proporcione o prazer de vermos durante alguns dias entre nós, na terra sagrada da Fátima — a terra dos seus e nossos encantos.

Visconde de Montelo



O túmulo dos pequenos videntes Francisco e Jacinta no cemitério paroquial de Fátima

Jacinta, a "Florinha de Fátima,"

Oferecia um aspecto de-veras singular o cortejo que, pouco depois do meio dia de 12 de Setembro, atravessava, para as bandas de oeste, as ruas de Vila Nova de Ourem, em direcção às montanhas de Fátima.

Os aldeões que se dirigiam para o mercado semanal da vila, paravam, admirados, os seus veículos e olhavam cheios de curiosidade os quatro automóveis que, sem a habitual velocidade, mas lenta e solememente, passavam a seu lado.

Que significaria aquilo? Na parte posterior do primeiro carro ia atravessado o quer que fosse, coberto com ricas e preciosas colchas de seda.

O dito carro era guiado por um cavaleiro de aparência distinta e, a seu lado, ia sentado um menino dos seus cinco anos, que segurava nas mãos um grande e lúcido ramo de flores.

No segundo carro iam dois sacerdotes de sobrepeliz e estola branca, no terceiro, algumas senhoras, e, no quarto, dois modestos camponeses.

O cavaleiro de aparência distinta que guiava o primeiro carro, era o Barão de Alvaizere. A criança sentada ao lado era seu filho Luís Miguel. O que o Barão conduzia debaixo de ricas colchas era o tesouro de sua família, o invólucro mortal de Jacinta Marto, a mais nova dos três pastorinhos aos quais N.ª Senhora se dignou aparecer, em Fátima, no ano de 1917.

O caixão que encerrava os restos mortais da Jacinta fora previamente enfeitado e adornado, com extremos de carinho, pelo Barão e sua família que seguia no terceiro carro.

No segundo carro, seguiam o cadáver dos sacerdotes. Ao lado do seu distinto e fiel intérprete, dr. João Venâncio, sentava-se cabisbaixo e pensativo o «P. Fischer» bem conhecido de todos os amigos do Santuário, do biógrafo da «Florinha de Fátima», encarregado por S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o sr. Bispo de Leiria, de presidir à trasladação do cadáver.

Como são admiráveis os desígnios da Providência que o chamou da sua Pátria distante a este país para, com meticolosidade germânica, examinar os vestígios meio apagados da «Santa Criança»!

O que se está passando é já o cumprimento da predição que Jacinta fez poucas semanas antes da sua morte.

«Eu voltarei para Fátima, mas somente depois da minha morte». A predição da criança, feita há 15 anos, realizou-se plenamente, pois o seu corpo acaba de ser sepultado no tranquillo cemitério de Fátima.

Que significará o facto extraordinário de se encontrarem, a quando da abertura do caixão, perfeitamente incorruptos a

capêça, o rosto, os olhos, a boca e as orelhas da criança? Porque será que os seus traços fisionómicos estão ainda claramente reconhecíveis, apesar da criança ter morrido com uma pleureisia purulenta e de o cadáver ter sido coberto com cal abundante?

Não será isto o princípio da glorificação da criança que passou a sua curta existência na pobreza e no esquecimento? Que significa a celexma que, por toda a parte, se tem levantado acerca desta humilde pastorinha? Não será isto a confirmação das suas virtudes e graças?

No último dos quatro automóveis iam os pais da Jacinta. A senhora Olimpia Marto levava os olhos inundados de lágrimas e o coração a sangrar pela renovação da sua dor. Esta criança era a sua filha predilecta não só por causa da grande graça com que foi distinguida por N.ª

Senhora, mas também por causa das dores e sofrimentos que a sua missão celeste atraiu sobre toda a sua família.

A seu lado sentava-se o marido, Manuel Pedro Marto, o inteligente aldeão que, com olhos penetrantes, julgou os acontecimentos de 1917, e que viu nas aparições de Fátima o decro de Deus numa época em que toda a gente os encarava ainda com scepticismo.

Não será já isto uma parcela da recompensa divina pelos momentos de amargura que sofreram estes pobres pais, ao permanecerem, qual rocha altaneira, firmes e inabaláveis na sua fé e na sua crença, no meio da resaca das opiniões?

O cortejo ia subindo lentamente pela estrada alcantilada da Serra d'Aire. Eram cerca de treze horas e meia quando os automóveis entraram na Cova da Iria. No Santuário de N.ª Senhora do Rosário de Fátima, estavam prestes a terminar os exercícios espirituais do clero da Arquidiocese de Évora e Diocese de Beja. Era, além disso, véspera do dia 13 de Setembro. Por esse facto foi o cadáver da criança transportado, no meio de grande concurso de clero e povo, para a capela das confissões, onde S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o sr. Arcebispo de Évora rezou missa de corpo presente.

Era comovente e arrebatador o cântico dos psalms. «Quis ascendit in montem Domini aut quis stabilis in loco sancto eius? Innocens manibus et mundo corde. — Quem subirá ao monte do Senhor ou quem estará no seu santo lugar? O inocente de mãos e do limpo de coração».

Passado algum tempo, procedeu-se à condução do cadáver para o cemitério paroquial de Fátima. Entretanto, foram chegando numerosos peregrinos que tiveram a felicidade de assistir a este singular espectáculo. Logo que souberam que se tratava do corpo da Jacinta, comprimiram-se, respeitosamente, à volta do caixão, beijavam-no e tocavam-no com os seus terços.

No frontispício deste modesto cemitério de aldeia estão escritas as seguintes palavras: «Nós ossos que aqui estamos, Pelos vossos esperamos. Quem teria jamais pensado que o seu pórtio seria um dia transporto por um Arcebispo, alguns Monsenhores e numerosos sacerdotes para sepultar os restos mortais de dois pequenos e pobres pastorinhos? Para estes eiletos de Maria, mandou S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria construir um singelo monumento. Que flagrante contraste entre as outras sepulturas rasas e o sepulcro dos dois pastorinhos! «Exaltavit humiles — exaltou os humildes».

Logo que o caixão da Jacinta e a urna que continha as ossadas de seu irmão foram colocados e fechados nos respectivos gavetões, pegou o Barão de Alvaizere no lindo ramo que trouxera e distribuiu-o pelos circunstantes. Todos, desde o Senhor Arcebispo até ao último camponês, receberam uma flor como recordação da «Florinha de Fátima».

Isto não foi um enterro vulgar, uma triste separação em presença da morte. Radiantes de alegria, saíram todos dali na convicção de terem assistido a um acontecimento extraordinário, a um espectáculo que há-de constituir um marco miliário na história da «Santa Criança», quando, um dia, as suas virtudes e sofrimentos, a sua missão celestial e as altíssimas graças de que foi cumulada se tornarem conhecidas e fizerem o circuito do mundo inteiro.

Coisas que eu penso

Vamos hoje, como prometemos, examinar os selos da nossa religião, a ver se descobrimos nela alguma nota que se não encontra nas outras.

Em primeiro lugar, notamos isto: que a religião católica é a única, entre tantas, que se encontra em todas as partes do mundo — e sempre a mesma.

Vimos que há centenas de seitas protestantes, que não estão de acordo umas com as outras, nas nações chamadas protestantes, porque a maioria dos seus habitantes professam o protestantismo, divididos por essas centenas de seitas. Mas essas seitas, quem poderá dizer que se encontram por toda a terra, como o catolicismo? Algumas nem conseguem desenvolver-se nas próprias nações onde nasceram, e têm escasso número de aderentes.

Os católicos são cerca de trezentos milhões, não há região do mundo onde os não haja e invadem as próprias nações protestantes. Assim, para citar um exemplo só, na Alemanha, onde nasceu o protestantismo, de 60 milhões de habitantes, mais de 20 milhões são católicos.

Há religiões, como o budismo, que têm centenas de milhões de aderentes; mas onde se encontram? Em determinadas terras do mundo, como na Índia, no Japão. Mas quem encontra essa religião em todas as outras terras, como encontra o catolicismo?

Mas há mais e muito mais curioso. O catolicismo, entre todas as religiões, é a única que conquista aderentes em grande quantidade a todas as outras!

E notem muito bem isto: quando digo que o catolicismo conquista aderentes a todas as outras religiões, não me refiro propriamente aos missionários. Com efeito, podiam dizer-me: — Que admiração! Os missionários vão para o meio dos budistas, ou dos pretos e selvagens, prestam-lhes serviços e ensinam-lhes a doutrina, não admira que convertam alguns e mesmo muitos.

Não. Não é isso o que mais importa considerar. Estejam atentos: publicou-se este ano na Alemanha, um livro muito interessante. Chama-se ele: *Homens que vieram para a Igreja*. E quem são esses homens?

O autor do livro recolheu as declarações de 42 convertidos, todos gente culta e todos da actualidade, homens e mulheres de nossos dias, que contam porque foi que deixaram as suas religiões e se fizeram católicos.

Pois bem: esses homens e essas mulheres pertenciam às mais diferentes religiões, uns eram protestantes, outros budistas, outros judeus, outros maçons, outros não eram nada, viviam sem fé nenhuma bem determinada — e todos foram acabar, quasi todos depois de longas lutas consigo mesmos e com as famílias, no seio da nossa Igreja Católica. E não eram pretos ou selvagens caçados nos sertões com presentes ou serviços dos missionários.

Eram pessoas cultas: este era médico e professor de universidade, aquele era um poeta de fama, aquele outro um aspirante de marinha, que é hoje contralmirante da marinha japonesa, e ainda outro era setário ilustre duma religião da Índia, depois perdeu a fé nessa religião e andou percorrendo insatisfeito muitos erros que se ensinaram na Europa — e lá foi cair nos braços amoráveis da Igreja católica, e fez-se padre, e jesuíta, e hoje é professor numa Universidade católica de Roma!

As vezes há conversões que dão brado. Não há muitas, mas, em Inglaterra, surgiu uma comunidade de filial amor.

Queremos englobar ainda nesta consagração aqueles que não têm a dita de Vos amar, e que talvez em desvalio insano se revoltam contra Vós: são nossos irmãos, são Vossos filhos, o Mãe bondosa: em seu nome Vos invocamos, e para eles pedimos também um olhar de misericórdia e ternura.

Eis-nos, pois, todos sem excepção, unidos num só coração e numa só alma, a vibrar de amor, proclamando à face do céu e da terra que Vossos somos, e Vossos queremos ser.

Acetái, Senhora, a nossa filial consagração, e sede para nós e para os vindouros a Mãe e a Rainha que o Senhor nos deu, e que os nossos corações elegeram e aclamam para sempre. Assim seja.

Queremos englobar ainda nesta consagração aqueles que não têm a dita de Vos amar, e que talvez em desvalio insano se revoltam contra Vós: são nossos irmãos, são Vossos filhos, o Mãe bondosa: em seu nome Vos invocamos, e para eles pedimos também um olhar de misericórdia e ternura.

Eis-nos, pois, todos sem excepção, unidos num só coração e numa só alma, a vibrar de amor, proclamando à face do céu e da terra que Vossos somos, e Vossos queremos ser.

Acetái, Senhora, a nossa filial consagração, e sede para nós e para os vindouros a Mãe e a Rainha que o Senhor nos deu, e que os nossos corações elegeram e aclamam para sempre. Assim seja.

Queremos englobar ainda nesta consagração aqueles que não têm a dita de Vos amar, e que talvez em desvalio insano se revoltam contra Vós: são nossos irmãos, são Vossos filhos, o Mãe bondosa: em seu nome Vos invocamos, e para eles pedimos também um olhar de misericórdia e ternura.

Eis-nos, pois, todos sem excepção, unidos num só coração e numa só alma, a vibrar de amor, proclamando à face do céu e da terra que Vossos somos, e Vossos queremos ser.

Acetái, Senhora, a nossa filial consagração, e sede para nós e para os vindouros a Mãe e a Rainha que o Senhor nos deu, e que os nossos corações elegeram e aclamam para sempre. Assim seja.

dade de «frades» protestantes... pois acabaram por se passar com armas e bagagens para o catolicismo, até com o jornal que tinham!

Estas coisas sabe-as toda a gente que lê; mas a este respeito, é claro, esses protestantes que aparecem cá pela nossa terra a pescar ingénuos, não dizem nem uma palavra.

Ora agora pergunto eu: haverá qualquer outra religião, que possa apresentar um livro como aquele a que me refiro?

Há alguma religião que vá pelo mundo todo conquistando assim a todas as outras, elementos céus e dos melhores?

Não há. E notem que isto que se passa agora é o mesmo que sempre foi! A Igreja católica, em todos os tempos, em todos os povos e através de todas as perseguições e lutas, nunca deixou de ser isto mesmo: o grande foco de luz que buscaram os melhores espíritos de todas as outras

(Continua na 2.ª pág.)

VOZ DA FÁTIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem em Portugal.

Em agosto tirou 309.278 e em setembro 314.633 exemplares assim distribuídos:

	Agosto	Setemb.
Algarve ...	4.128	4.193
Angra... ..	16.810	17.160
Beja... ..	3.986	3.986
Braga... ..	68.359	68.741
Bragança... ..	9.149	9.093
Coimbra... ..	15.184	15.487
Évora... ..	4.000	4.000
Funchal... ..	18.826	18.893
Guarda... ..	30.990	31.027
Lamego... ..	6.467	6.804
Leiria... ..	10.931	11.770
Lisboa... ..	7.871	8.047
Portalegre... ..	7.687	7.748
Pôrto... ..	42.466	43.268
Vila Real... ..	32.604	32.942
Viseu... ..	9.615	9.864

	289.073	293.023
Estrangeiro... ..	3.598	3.598
Diversos... ..	16.607	18.012

Total ... 309.278 314.633

Aos Ex.^{mas} Assinantes

A «Voz da Fátima» tem tantas centenas de assinantes que nunca pagaram as suas assinaturas que, com regularidade, recebem já há anos!!!

É certo que a «Voz da Fátima» não faz cobrança pelo correio, mas conta com a generosidade dos seus amáveis assinantes.

Consagração da Diocese da Guarda a N.ª S.ª do Rosário de Fátima

Eis os Vossos pés, ó gloriosa, Senhora e carinhosa Mãe, a diocese da Guarda, que humilde e confiadamente a Vós se consagra neste lugar bendito, onde vos dignastes aparecer.

Virgem Santa, Senhora do Rosário de Fátima, volvei um meigo olhar de amor a estes vossos filhos, que vieram de tão longe, desde a cidade mais alta de Portugal, dessa Beira, onde se erguem alterosos os Montes Herminios, e onde labuta e sofre uma população laboriosa e crente, e a todos, aos que viemos e aos que ficaram, mas nos acompanharam em espírito, fazei sentir o benéfico influxo da Vossa maternal protecção.

Aqui tendes, Senhora, a diocese inteira, — os seus Prelados e os Sacerdotes, muitas das suas corporações, os seus patrões e

os seus operários, as diversas classes da sociedade, pais e filhos, jovens e anciãos, até mesmo as crianças, que em coro unísono Vos aclamam e Vos querem por sua Rainha.

Prostrados, pois, a Vossos pés neste santuário, que Vós escolhestes e abençoastes, a Vós nos consagramos todos. — Pastores e fiéis da diocese da Guarda, que doravante será mais Vossa ainda: a Vós nos entregamos confiadamente e que nos pertence, e pedimo-Vos que nos toméis para todo o sempre debaixo da Vossa especial protecção. Vede-nos a todos, Senhora, mesmo aos ausentes que a nós se unem em espírito, fazendo acto de vassalagem, e erguendo para Vós os olhos, — quantos marejados de lágrimas! — numa súplica humilde e confiante, num arranco

sincero de filial amor. Queremos englobar ainda nesta consagração aqueles que não têm a dita de Vos amar, e que talvez em desvalio insano se revoltam contra Vós: são nossos irmãos, são Vossos filhos, o Mãe bondosa: em seu nome Vos invocamos, e para eles pedimos também um olhar de misericórdia e ternura.

Eis-nos, pois, todos sem excepção, unidos num só coração e numa só alma, a vibrar de amor, proclamando à face do céu e da terra que Vossos somos, e Vossos queremos ser.

Acetái, Senhora, a nossa filial consagração, e sede para nós e para os vindouros a Mãe e a Rainha que o Senhor nos deu, e que os nossos corações elegeram e aclamam para sempre. Assim seja.

De como a fé católica penetrou no Anam pela acção dos Portugueses

A propósito do livro *anamita* KE TICH BUC BA RAT THANG Van eol Hienra TAI LANG Fátima sobre as Aparições de Fátima, de que demos notícia no nosso número de 13 de Julho transcrevemos hoje com a devida vénia uma interessante e interessante passagem da conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa por Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o sr. D. José da Costa Nunes, Venerando Bispo de Macau, sobre o Padroado Português no Oriente.

Em 1516 foi enviado a Cantão Fernão Peres de Andrade para celebrar um tratado de comércio com o Império chinês. A nau comandada por Duarte Coelho, companheiro de Peres de Andrade, acossada por uma tempestade, foi parar a Siao, onde habitou Duarte Coelho relacionou-se com gente da terra, servindo esta a circunscricão para, dois anos depois, ser enviado como embaixador ao rei de Siao, a fim de celebrar um tratado de amizade. Em memória deste facto, Duarte Coelho levantou na capital de Siao uma cruz, onde estavam esculpidas as armas de Portugal. Em 1523, Duarte Coelho é encarregado de idéntica missão, mas desta vez ao Tonkin ou Anam. O país estava em guerra civil. Dois partidos — Mac e Lé — chefados por príncipes com pretensões ao trono, digladiavam-se ferocemente, numa guerra de extermínio, o que impediu Duarte Coelho de levar a efeito a sua embaixada. Todavia, lá deixou no Tonkin, erguida, uma Cruz — primeiro sinal de cristianismo — aparecido em solo anamita. Trinta e três anos depois, o nobre incógnito *juden errante*, Fernão Mendes Pinto, lá descobriu esse monumento religioso, numa das suas peregrinações pelo Tonkin.

Os dois partidos Mac e Lé, conhecedores da valentia dos portugueses e da riqueza do seu comércio, procuravam atrair-nos aos portos tonquineses, datando dessa época as nossas relações com esse povo inquieto. Como a propagação evangélica andava intimamente ligada à propagação dos interesses portugueses, os anamitas julgaram ver na religião dos homens do Ocidente a origem da sua civilização e do seu poder.

Em as frequentes embaixadas a D. Belchior Carneiro, primeiro bispo de Macau, pedindo missionários. O bispo, por falta de pessoal, não podia atender os instantes pedidos feitos pelo rei, até que um dia este, já cansado de esperar, queixou-se aos portugueses, que por lá andavam, nestes termos: «O vosso bispo de Macau é um homem sem palavra. Já lhe mandei quatro cartas pedindo missionários para pregarem aqui o Evangelho, ele prometeu-mos, mas até à data ainda não cumpriu a sua promessa. Só ao sexto pedido pôde o bispo de Macau enviar dois missionários: o de Afonso da Costa e João Gonçalves de Sá.

Governava então o reino a princesa Champa, durante a memoridade política de seu irmão Lé-Té-Tong. A chegada dos missionários à corte anamita foi celebrada com grandes festejos. Pouco depois, rebentava nova guerra civil. O Padre dr. Afonso da Costa aconselhou o exército real a levar a cruz desenhada em todas as bandeiras. Trava-se a batalha, invocando esse símbolo religioso. Sai-se vitorioso, e, após o triunfo, realiza-se na capital de Tonkin uma solene procissão em honra da Cruz. Estes factos deram grande prestigio aos dois missionários, prestigio que eles procuraram aproveitar em favor da religião. Succedeu, porém, que Lé-Té-Tong, tendo chegado a maioridade, começou a perseguir os missionários, estimulando pelo prefeito do palácio, que via com maus olhos a influência que eles tinham na corte.

Banidos, ultrajados, impedidos mesmo da celebração da missa e reduzidos à extrema miséria, viviam todos os seus suaves completamente inutilizados. E então que chega ao Tonkin o célebre padre Cevalos, que vem representar um papel importante na história da evangelização anamita. A princesa Champa ouvira falar dele com grande admiração, pela sua inteligência e pelo seu porte alto e digno, perante as exigências dos mandarins e do

próprio rei, a quem recusara fazer as três prostrações, segundo o rito anamita. Desejava de o conhecer, convidou-o para uma audiência no seu palácio, e o resultado foi que se apaixonou por ela.

— És de sangue real? — perguntou-lhe.

— Não.

— De família de governador de província?

— Não.

— De família de magistrados municipais?

— Sim. (De facto, assim era).

— És casado?

— Não. Os padres não se podem casar. Não sou casado, nem posso sê-lo.

— E má a tua lei.

— E levantou-se.

Seguiram-se novas entrevistas, em que o missionário lhe falava de religião, e ela, curvando e discutindo, deixava transparecer os sentimentos que, dia a dia, a dominavam cada vez mais. Revelava-se, porém, nessas audiências, um espirito penetrante e uma alma delicadamente impressionável e dotada de nobres qualidades.

A religião começa a trabalhar, e o virtuoso missionário, prevenido os grandes benefícios que resultariam, da conversão da princesa, para a propagação do Evangelho no Tonkin, foi mandando e purificando, nos elevados princípios da moral cristã, o sentimento que emocionava o coração da princesa.

Mas o romance continuava. Um dia ela revelou-se claramente, oferecendo a sua mão. O missionário, evidentemente, aceitou as honras de ser príncipe anamita. Ficou muito contentado. Chorou, mas não desistiu. Sabendo que o chefe da Igreja residia em Roma, preparou uma embaixada, que não chegou a realizar-se, a fim de ir solicitar do Papa licença para o Padre Cevalos casar com ela. No meio, porém, dos seus devaneios e idealismos, a princesa sentia uma atracção especial pela Religião Católica, que dava forças a um homem para manter tão grande integridade moral.

«Conhece — diz ela ao Padre Cevalos — que tu derramavas água sobre mim e me dizias: «Maria, Deus seja contigo; que este grande nome te assista e te dê a vida eterna». Eu chorava abundantemente. Sonhei tantas coisas, que, para não as esquecer e para verificar as que se realizavam, mandei escrevê-las imediatamente pelo meu pagem.

«Apesar das propostas brilhantes que te fiz, tu recusaste a minha mão, para não desobedeceres à tua lei, renunciando assim ao dom dum reino e à possibilidade de converter a tua fé a população anamita. A tua religião é a única que inspira tão nobre desinteresse. Assim, eu disse a mim mesma: se eu devesse ser cristã, não é bom que te faça transgredir a lei a que deves obedecer-me. Poco, portanto, que sejas forte na tua lei. Por ti tenho muita estima, e se, sem ferir a justiça, podes ser meu marido, tu o serás. Se não, eu não quero que percamos o céu.

Chega, finalmente, o dia em que a graça tocou aquela alma de eleição.

— Alteza — pergunta o Padre Cevalos — acreditais em todas as verdades da fé cristã?

— Sim, permanecerei firme nesta crença, sem a qual não poderei salvar-me.

— Quereis ser baptizada?

— Sim, e peço-te que me baptizes antes de surgirem outras dificuldades.

— Como quereis chamar-vos?

— Maria.

— Maria, quereis ser cristã?

— Sim.

— Então é necessário que acrediteis em tudo o que a nossa santa Mãe Igreja acredita.

— Sim, creio.

— Depois de serdes baptizada, trocaréis a vossa fé pelo mundo inteiro?

— Nunca; antes a morte!

E a água lustral do baptismo correu pela cabeça da princesa Champa, que lá se fez uma das mais zelosas e activas propagandistas do cristianismo, no reino do Tonkin.

De facto, a princesa faz-se religiosa, funda o convento da Imaculada Conceição, converte o pessoal da sua corte, e, até à hora da morte, foi uma verdadeira missionária, que tantos serviços prestou à obra da evangelização anamita.

N. S. de Fátima nas Missões

O culto de Nossa Senhora de Fátima na Prelazia de Moçambique data do alvorecer das grandes aparições, mas tomou notável incremento depois duma circular oficiosa emanada uns três anos depois, em que se recomendava o culto à Nossa Senhora de Fátima e a comemoração

Morte dum apóstolo de N. S. de Fátima

Em carta de 8-8-1935, o Rev. P. A. Joaquim Lourenço, da Diocese de Leiria e actualmente em Cochim,



Africa Oriental Portuguesa — Munhuana
Manifestação em honra de Nossa Senhora de Fátima — Quadro vivo

do dia treze em união com os peregrinos que ali se dirigiam naqueles dias; começou-se mais a sério com a propagação do culto e com maior entusiasmo e fé após a Pastoral de S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria, a diocese das aparições, em que se apresentavam as bases do culto de Nossa Senhora de Fátima. Lourenço-Marques deu o exemplo e ainda hoje se distingue pelo esplendor do culto, festas e procissões em louvor a Nossa Senhora de Fátima. Em todas as Missões e Paróquias da Prelazia está bem viva esta devoção; por toda a parte se tem erguido e creio até não haverá hoje escola alguma indígena onde se não cante pelo menos o hino a Nossa Senhora de Fátima. As lindas imagens que se têm adquirido para a Prelazia têm sido um grande móvel deste culto e muitíssimo apreciadas do indígena, e tão apreciadas que, em vez de imitação, procura fazer e já apresenta no mercado da capital imagenszinhas de Nossa Senhora de Fátima confeccionadas por eles.

Verdade é que se eu tivesse voto na matéria não autorizaria semelhante indústria, porque sempre desvirtua, e em muito, a arte sacra. Não se pode contudo negar que é este mais um meio de propagação continuada até pelos próprios mochos.

Em certa ocasião apresentando-me uma destas imagenszinhas para benzer, perguntou:

— Onde a comprou?

— Na loja de um monhé...

— Até os monhés, hein?

Uma vez, apareci inesperadamente numa missão, na de S. Roque de Matouine, e fiquei admirado pelo movimento e número de indígenas, tanto mais que ninguém me esperava.

— O que é isto? perguntei.

— É por ser dia de Nossa Senhora de Fátima.

— Ah! sim, é o dia treze, já me não recordava... mas vós aqui sem Missionário?

— Sim, mas o Senhor Padre recomendou-nos que se reunissem na missão todas as escolas no dia treze de cada mês em honra de Nossa Senhora e que lhe protestássemos todos juntos o nosso amor, cantando os seus hinos e em união com os peregrinos de Fátima.

— Boa ideia, meus meninos, e não vos esqueçais de lhe pedir pela conversão de vossas famílias...

Não é só naquela missão que se comemora o dia treze, em todas elas há a comunhão e a santa Missa e outros exercícios em honra de Nossa Senhora de Fátima. Eu mesmo muitas vezes subi aquêle Vumba para ir dizer Missa, e administrar os sacramentos à escola de Nossa Senhora de Fátima.

Que Nossa Senhora de Fátima proteja Portugal sim, e continue com carinho particular a proteger também as nossas queridas Missões e a inspirar-lhes sempre maior fervor por tudo o que se relacionar com o seu culto nesta celestial estância de Fátima.

P. Miguel
Missionário Franciscano

Há aniversário?
Há Presentes para aniversário na OUIVESARIA ALIANÇA.
Há baptizado?
Há Presentes para baptizado na OUIVESARIA ALIANÇA.
Há casamento?
Há Presentes para casamento na OUIVESARIA ALIANÇA.

A B C
Aniversários — Baptizados — Casamentos

OUIVESARIA ALIANÇA

Rua das Flores, 191
Tel. Um-Cinco-Quatro-Um
PORTO

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA MISSAS

PELADOS A ANTONIO DE OLIVEIRA

Aldia Nova — Norte

Coisas que eu penso

(Continuação da 1.ª página)

religiões. Livros como aquêles há muitos! Aquêles 42 convertidos estão todos ainda vivos; mas há livros semelhantes que contam conversas de outros homens notáveis mortos há poucos anos — e se quiséssemos escrever só os nomes só dos grandes convertidos de todos os séculos, desde o tempo de Nosso Senhor, rodem ter a certeza de que não chegavam as quatro páginas do nosso jornal. E alguns eram as maiores inteligências do seu tempo, como Santo Agostinho, cujas obras asombroum pela quantidade e pela variedade.

E é dele esta frase, que todos os grandes convertidos sentiram sempre, como ele: — Fizeste-nos para ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansamos em ti!

Mas agora há-de dizer-me: Também em todos os tempos houve muitos homens que perdiam a fé católica!

E certo. Mas também é certo que a grande maioria deles viveram anos longe da fé, longe de Deus, arrastados pelas paixões; mas à hora da morte, ou quando

pede a publicação da seguinte notícia: «O motivo por que lhe escrevo hoje é o seguinte: acaba de falecer aqui na Residência dos Rev.^{mas} P.^{as} Jesuítas Portuguezes, o Rev. P.^o José Martins, grande amigo de Nossa Senhora de Fátima e devotado pregador da sua bendita devoção. Teve uma santa morte, como santa e apostólica fora a sua vida; faleceu ontem às 11 horas da noite; pois às 6 horas da tarde, ao visitá-lo, ainda o encontrei a ditar cartas para vários devotos de N. S. de Fátima! Bem-dito seja Deus, que ardor!

Quando o Rev. P.^o Frutuoso, S. J. lia as orações da agonia, a estas palavras do Evangelista S. João: «Pai, quero que onde eu estiver estejam comigo aqueles que me destes...» o moribundo levantou os olhos docemente e baixando-os de novo, expirou. Certamente que a última visão sobre a terra terá sido a da Mãe de Fátima que veio a recebê-lo. Peço que transmita esta notícia aos milhares de Portuguezes amigos de N. S. de Fátima por meio do seu jornal, pedindo-lhes que orem à Santíssima Virgem que suscite agora entre os P.^{as} Portuguezes que estão na Índia o mais fervoroso apóstolo do seu culto nestas paragens, continuador da obra do saudoso P.^o Martins.

A Sacra Officina, Rua Luciano Cordeiro, 22-1, Eq.^a Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massa.

Alocação do Rev. P.^o Bernard Christian George, Pároco da freguesia de S. Patrício em Leicester, Diocese de Nothtingham (Inglaterra)

Cunctas haereseis sola inferemisti in universo mundo: Vós so, Senhora, esmagastes as heresias em todo o mundo.

(Palavras da Santa Igreja dirigidas a N. Senhora.)

Meus Irmãos

Eu não sou português, como estais vendo pela fala; eu sou inglês; mas aqui somos todos irmãos, remidos com o mesmo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e filhos todos desta Mãe Bemdita, a quem Ele nos entregou ao morrer na cruz.

No mês passado veio aqui um sacerdote alemão, grande devoto de Nossa Senhora de Fátima, implorar a sua protecção e unir as suas orações às vossas em bem da sua pátria. Este mês veio eu com a mesma intenção.

A-pesar-de não ser português, sou amigo dos portugueses; porque vivo na vossa terra durante 10 anos. Gozel do vosso lindo sol, contemplei as muitas belezas de Portugal e visitei os vossos belos monumentos que ainda falam da fé dos vossos antepassados. A um deles deve Inglaterra grandes benefícios.

Muitos jovens ingleses vieram aqui educar-se, e muitos daqui saíram já sacerdotes como eu a ajudar a combater a heresia do Protestantismo que tornou a nossa terra, que era conhecida por Ilha dos Santos, numa terra muito paganzada.

E uma das mais florescentes em progresso material, mas muito pobre de espirito cristão.

Há muitos anos que estamos invocando a Maria Santíssima que nos valha, como fez a tantas nações; e lembramos-Lhe que Inglaterra é o seu dote, porque eram muitas as igrejas e capelas que lhe estavam dedicadas. E assim como a uma menina, filha de família, quando está para casar o pai dá-lhe uma parte dos seus bens, e isto é o dote dela, assim parece que aquela terra tão rica de amor a Maria foi como que o dote que lhe coube. E o amor de filhos que nos faz assim falar; pois bem sabemos que Ela como a melhor das Mães protege igualmente aos seus filhos. Da mesma forma vos lhe chamais Rainha de Portugal e Ela é Rainha do Céu e da Terra.

Mas Nossa Senhora, embora nos tenha ajudado muito e convertido muitos protestantes e vai crescendo cada vez mais o rebanho de Jesus Cristo, há

O culto de N. S. de Fátima no Estrangeiro

Fátima em Schillingen (Diocese de Trêves)

Schillingen, 26 de Julho de 1935.

Há pouco mais ou menos dois anos que um devoto de N. S. de Schillingen (Hochwald) arranhou um lugarzinho no seu campo perto da aldeia, para ali poder à sua vontade honrar a Mãe Santíssima. Foi N. S. de Fátima que o cativou. Ali na falda do monte conseguiu com muito trabalho fazer uma cavidade de pouco mais ou menos 4 a 5 metros em quadrado e 1 e 1/2 m. de altura, onde pôs uma penha com uma estatua de N. S. de Fátima. Fez também uns genuflexórios e bancos toscos para pôr diante da imagem com o fim de outras pessoas virem com ele as devoções. Convidou em primeiro lugar os homens e conseguiu que viessem uns vinte a trinta. Com estes foi no mês de Maio de 1933 todos os Domingos a este lugar que distava da aldeia uns 20 a 25 minutos.

Muito maior foi a concorrência das mulheres e raparigas. Gostaram da devoção, e o que, no princípio, não estava planejado senão para o mês de Maio, continuou-se no de Junho. As peregrinações continuaram até hoje. As 4 horas da tarde, nos domingos, juntam-se os mais devotos, e vão para aquêle lugar rezar o terço, como N. S. de Fátima deseja.

O homem, João Werner, que lançou a devoção, morreu no outono do mesmo ano.

Friburgo de Brisgovia (Bade-Alemanha)

De todas as partes nos chegaram este mês cartas de agradecimento por graças alcançadas miraculosamente. Tenho diante de mim a carta duma fervorosa zeladora de L. Entre outras coisas diz: «Te-

Os medicamentos do Cura Heumann

conhecidos e celebres em quasi todos os países do mundo, devem também em Portugal fazer com que cada vez mais doentes consigam melhorar e curar os seus diferentes sofrimentos e males. Do volume e ricamente ilustrado livro do Cura Heumann, cada um é informado, duma maneira facilmente compreensível, sobre o mais importante do corpo do doente. Fala-se neste livro das doenças mais frequentes e doentes. Fala-se nestes livros de Heumann, que dão alívio e dos medicamentos Heumann, que dão experiências, conforme mostram os muitos milhares de experiências. O Cura Heumann, o grande amigo de todos os doentes deseja que cada doente bem como cada pessoa se receba o seu livro gratis, e a Farmácia Cunha satisfaz este pedido com muito prazer! Por isso escreva V. Ex.^a agora mesmo e não espere receberá imediatamente este valioso livro absolutamente gratis!

PAO N.º 43

A Farmácia Cunha, Rua da Escola Politécnica 16/18

«Cometa gratis e sem mais despesas o novo método de recuperar e conservar a saúde.»

Nome _____

Morada _____

Concelho _____



Schillingen — Uma procissão pelo campo

Mas logo se encontrou um sucessor que se encarregou, em lugar do falecido, de servir de guia à multidão dos devotos.

Algum tempo depois despertou nestes devotos o desejo de acabar e de tornar mais digno o lugar da romagem. Também desejavam alcançar uma estatua maior, e esta, já se vê, só a queriam de Portugal, pois devia ser a verdadeira. Entretanto principiaram a construir uma gruta maior, trouxeram em carros as pedras de quartzo que havia em grande número nas matas vizinhas e com elas construíram uma grande gruta, tudo trabalho voluntário. Quando os devotos souberam da chegada da imagem a Hamburgo, foi uma alegria para todos que com as suas esmolas tinham contribuído para

Alocação do Rev. P.^o Bernard Christian George, Pároco da freguesia de S. Patrício em Leicester, Diocese de Nothtingham (Inglaterra)

Cunctas haereseis sola inferemisti in universo mundo: Vós so, Senhora, esmagastes as heresias em todo o mundo.

(Palavras da Santa Igreja dirigidas a N. Senhora.)

ainda muitas ovelhas fora da Santa Igreja. Também é verdade que muitos protestantes abandonam as suas crenças; mas não passam para a católica, preferem uma vida indiferente e quasi pagã. As riquezas e o bem estar são a sua única ambição neste mundo.

Mas como muito bem sabeis, não é este o caminho do Céu, o caminho que nos ensinou em toda a sua vida Nosso Senhor Jesus Cristo, nascendo pobre, vivendo pobre e morrendo pobre.

Temos ido várias vezes a Lourdes. Agora, ao saber que Nossa Senhora também vos honrou com a sua visita e vos tem concedido tantos favores ao corpo e alma e até ajudado o bom governo da Nação, animel-me a vir aqui também suplicar a proclamação de Nossa Senhora de Fátima a favor da nossa pátria, a Inglaterra. E a prece que aqui venho fazer — Senhora de Fátima, salva também a Inglaterra!

Ela valeu ao mundo como as suas preces e vida santa, alcançando de Deus a graça da Redenção — foi por Maria que nos veio Jesus Cristo, foi por Maria que veio a Salvação ao mundo.

Ela valeu a muitas nações, que se viram perdidas com males físicos, como as invasões dos Turcos, pestes, fomes e guerras. E não só valeu em males físicos, mas também nos males morais, como eram as heresias que assolaram tantas nações.

«Cunctas haereseis sola inferemisti in universo mundo.»

Ajudai-nos pois com as vossas orações e penitências a alcançar de Nossa Senhora de Fátima a grande graça de recondução de tantos filhos ao rebanho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Oxalá o nosso império Britânico se pudesse servir da sua influência mundial para bem das almas e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Mãe Maria Santíssima e, assim, contribuir para que haja na terra um só rebanho e um só pastor, o Sumo Pontífice, único Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra.

Assim seja!

PHOENIX

C. Inglesa de Seguros.

Maxima garantia às melhores taxas.

20 — Av. dos Aliados — Pôrto

INFORMAÇÃO ÚTIL

PARA IMAGENS DE SANTOS, ALTARES, PINTURAS, DOURAMENTOS

Escruva a:

MAIAS, IRMÃOS. — Escultores

Cidadelha — Castelo da Maia

VENDE-SE

Carro para doente

Carta à VOZ DA FÁTIMA

Termas de Monte Rial

Estância dos artríticas e dos gastro-intestinais

Agua soberana no tratamento das doenças do fígado, rins e intestinos. Bom Hotel e pensões — Clima magnifico — Capela — Garage — Estação do C. de Ferro própria (Monte Rial).

Pedir informações e folhetos à gerência das Termas MONTE RIAL —

OS MELHORES VINHOS

Companhia Velha

FUNDADA EM 1756

RUA DAS FLORES, 69

PÔRTO

Doentes! 100.000 livros gratis!

Os medicamentos do Cura Heumann

conhecidos e celebres em quasi todos os países do mundo, devem também em Portugal fazer com que cada vez mais doentes consigam melhorar e curar os seus diferentes sofrimentos e males. Do volume e ricamente ilustrado livro do Cura Heumann, cada um é informado, duma maneira facilmente compreensível, sobre o mais importante do corpo do doente. Fala-se neste livro das doenças mais frequentes e doentes. Fala-se nestes livros de Heumann, que dão alívio e dos medicamentos Heumann, que dão experiências, conforme mostram os muitos milhares de experiências. O Cura Heumann, o grande amigo de todos os doentes deseja que cada doente bem como cada pessoa se receba o seu livro gratis, e a Farmácia Cunha satisfaz este pedido com muito prazer! Por isso escreva V. Ex.^a agora mesmo e não espere receberá imediatamente este valioso livro absolutamente gratis!

PAO N.º 43

A Farmácia Cunha, Rua da Escola Politécnica 16/18

«Cometa gratis e sem mais despesas o novo método de recuperar e conservar a saúde.»

Nome _____

Morada _____

Concelho _____

PÔRTO RAMOS-PINTO

Graças de N. S. de Fátima

Reumatismo

No dia 14 de Agosto de 1933, meu filho Ernesto foi obrigado a recolher-se cama por causa dum forte ataque de reumatismo que lhe tolheu o movimento de todos os membros e lhe atacou o coração. Foi chamado o médico que, examinando o doente me disse: — «Vou dar ao doente um remédio contra o reumatismo que lhe deve fazer bem, mas quanto à doença do coração, embora se trate d'elle, será toda a vida um doente e nunca mais poderá dedicar-se a trabalhos pesados».

Esta declaração do illustre clinico assustou-me deveras.

Recorri, então, a Nossa Senhora de Fátima cuja devoção aqui está muito florescente, e concebi a fazer uma novena em honra da mesma Senhora. Prometi confessar-me e comungar, dar uma escola conforme as minhas posses e publicar na «Voz da Fátima» esta graça, se a obtivesse de Deus por intermédio de Nossa Senhora.

A Santíssima Virgem acudiu-me mais uma vez, concedendo-me a graça de alcançar a cura de meu filho Ernesto. No último dia da novena já elle andava de pé, e sendo de novo examinado pelo médico, não se lhe encontrou já achaque algum no coração.

Toda a família da casa, fomos comungar, como tínhamos prometido, em acção de graças por tão singular favor. Agora, envio a N. S. de Fátima essa esmolinha e peço o favor da publicação do relatório da minha cura na «Voz da Fátima» que todos os meses lio com grande prazer espiritual.

Natividade das Dores Guerra
Viarelho (Cambúba)

Tétano

Maria Cristina do Carmo — Missão de Lândana — Congo Português. — Receve contando que uma mulher duma aldeia cristã tivera um filho que aos 9 anos de idade adoeceu gravemente. Não podia alimentá-lo, nem falava já. Consultado o médico, este fora de opinião de que a criança não mais se curava. Esta pobre família encontrava-se então muito longe da sua terra, de maneira que prometeu que se o doente ainda pudesse chegar vivo a sua terra, mandaria colocar suas velas junto da imagem do S. C. de Jesus em cuja honra comungaria também na 1.ª sexta-feira. A criança continuou mal, vindo a averiguar-se que já sofria a horrível doença do tétano. Começou-se então uma novena em honra de N. S. de Fátima em cuja honra seria celebrada uma missa no dia 13 de Março se a graça fosse alcançada. Durante todos os dias da novena a criança bebia uma pequena quantidade de água de Fátima, chamando a sentir-se melhor desde o 2.º dia da novena. Hoje sente-se completamente bem, graça que atribue a N. S. de Fátima.

Tuberculose óssea

(Dr. Maria de Lourdes do Sacramento — Lisboa, escreve dizendo o seguinte):

«Durante tempo de dois anos, sofri de uma pena atroz de tuberculose óssea, apesar dos esforços empregados por dois distintos médicos. Um após outro, ensaiaram vários medicamentos sem que nenhum desse o resultado desejado. O mal ia aumentando cada vez mais, tendo um aspecto medonho e por vezes um cheiro nauseabundo.

Já cansada de tanto sofrer, recorri a N. S. de Fátima e à Rainha da Laib. Fiz algumas novenas usando também a água e a terra do Santuário de Fátima, e em dois meses e meio a ferida cicatrizou por completo.

Conforme prometi, venho publicar esta grande graça recebida do céu e alcançada pela maternal protecção de Nossa Senhora de Fátima.

Muitas louvores sejam sempre dados à Nossa amável e bondosa Mãe do Céu.

Maria de Lourdes do Sacramento
Lisboa

NO BRASIL

Fractura e queimadura

No dia 3 de Abril de 1934 o meu filho José Imas, de 4 anos de idade, caindo de uma cama onde brincava, quebrou o braço esquerdo. Constatada a fractura, o médico procedeu ao tratamento exigido mettendo o braço fracturado da criança num aparelho de gesso que foi retirado no dia 23 do mesmo mês.

Ao ser, porém, removido o gesso verificou-se que o braço fracturado perdera todos os movimentos mantendo uma rigidez que impressionava. Foi necessário recorrer-se aos banhos quentes durante 15 minutos, tendo-se 12 vezes seguidas a flexão do braço, todos os dias, a pesar das lancinantes dores que a criança, nos gritos, manifestava. Eu própria, instruída pelo médico, me entregava a estes cuidados, e todas as tardes o médico procedia a massagens.

No dia 27, quando a água a ferver ia ser despejada na vasilha destinada ao curativo a fim de estirpar a temperatura suportável, desastrosamente derramou-se sobre o braço fracturado da criança que se achava no lado agardando o momento oportuno de submeter-se ao tratamento. Os quadros que então se desenvolveram aos meus olhos foi dos mais horroresos. Já o Imas, aos gritos, debatia-se com as mais terríveis dores. Suplicava ao principio que a queimadura se limitasse ao braço, ferrei da amargura procurando aliviar os sofrimentos do pequeno. Como porém a criança continuasse a sentir-se mal e a gritar com dores, verifiquei com mãos que a dor se queimadura atingira também as nádegas do lado esquerdo já cobertas de borbulhas e em alguns pontos manando sangue. A minha primeira súplica foi a N. S. de Fátima. Em seguida levei a criança ao médico. Feito o tratamento apropriado a febre começou a manifestar-se. Na tarde desse dia, José Imas estava em perigo de morte; entoxicado, vomitava tudo quanto ingeria, até os próprios medicamentos e a simples água.

No dia seguinte José Imas con-

tos, inclusive, o médico, julgavam irremediavelmente perdida. Por tão grande favor se declara extremamente agradecido a tão poderosa Mãe.

— Foi enviada a esta Redacção uma carta dizendo o seguinte: — «Em momentos difíceis recorri a N. S. de Fátima; tendo sido atendida venho por meio desta publicação cumprir um voto e agradecer esta e muitas outras graças alcançadas do Céu.

Campinas — Brasil
Ir. M.ª Leticia de Jesus Eucarístico O. P.

— Adriano Vieira — Vale das Barreiras, vem render o seu agradecimento a N. S. de Fátima por ter alcançado a cura de sua filha, filha de João Domingos Cristo e D. Maria de Jesus, de Vagos, sofreu horrivelmente com feridas na cabeça; e, tendo recorrido a vários médicos, não encontrou melhorias algumas a pesar de todos os cuidados que sua mãe com ella tinha! Passados mais de três anos neste sofrimento, sua boa mãe voltou-se para Nossa Senhora de Fátima, e imediatamente esta bondosíssima Mãe do Céu atendeu as suas súplicas, alcançando a saúde para a pequenina Maria José. Agora, completamente curada, vem por esta meio, com a sua mãe da terra, manifestar o seu reconhecimento a nossa bondosa Mãe do Céu.

Vagos
Maria José de Jesus

— O Rev. P.º Aquilino de Jesus da Costa — Ponte da Barca, por haver obtido por intermédio de N. S. de Fátima a cura de sua mãe, vem testemunhar o seu agradecimento para com a excelsa Senhora.

— Manuel Joaquim Correia — Casal do Franco, Batalha, diz, esteve muito mal a ponto de ter de se ir para o Hospital de Coimbra. Sobrevieram-lhe algumas outras complicações, mas, com a intercessão de Nossa Senhora de Fátima, diz ter obtido a cura a ponto de poder já trabalhar quasi como trabalhava antes de adoecer.

— D. Maria das Dores Moura — Lisboa, agradece diversas graças espirituais e temporais que prodigiosamente lhe foram concedidas por intermédio de Nossa Senhora de Fátima.

— De Vila Nova de Tazem; escrevem-nos dizendo o seguinte: — «Tezeta de Jesus Viegas do Vale, da Guarda e residente em Vila Nova de Tazem, muito reconhecida, serve-se deste meio para agradecer à S. Virgem Nossa S.ª de Fátima a concessão de uma graça pedida e obtida em Março de 1933.

Não é esta já a 1.ª vez que a Rainha dos Céus e da terra tem atendido em suas petições.

— D. Maria Germana de Almeida — Cartaxo, recebeu por intermédio de N. S. de Fátima uma graça espiritual, e pede, aqui seja publicado o seu agradecimento a tão boa Mãe.

— D. Leopoldina Pereira Cardoso Nogueira — Caldas da Rainha, tendo recebido, por intermédio de Nossa Senhora de Fátima diversas graças particulares, deseja agradecer-las por meio da «Voz da Fátima», conforme prometeu ao fazer os seus pedidos a tão carinhosa Mãe.

— D. Ana F. Costa Rocha — Beja, pede para ser publicado na «Voz da Fátima», conforme prometeu a N.ª Senhora, o seu profundo agradecimento por duas graças que alcançou por intermédio de tão Misericordiosa Mãe.

— D. Soledade Silva — Califórnia, agradece a N.ª S.ª de Fátima o ter-lhe valido numa situação afliitiva em que se encontrava.

— Filomena F. Pereira — Damão, pede aqui seja manifestado o seu profundo agradecimento pelas melhoras que, por intermédio de N.ª S.ª de Fátima, foram concedidas a uma sua filha que sofria atrocemente.

— D. Ester da Conceição Reis, — Foz do Douro, agradece reconhecida

Hemorragia

Antônio Ribeiro Leal, do Ermelo, Mondim de Basto, sofrendo duma hemorragia resultante dum desastre ao volver uma pedra, não encontrou remédios que o libertassem deste tormento, obteve de Nossa Senhora de Fátima esta grande graça que vem publicar na «Voz da Fátima» pedindo aos leitores do jornalzinho o ajudem a agradecer rezando 3 Ave-Marias.

Graça de Nossa Senhora de Fátima em favor da filha dum médico em França

No n.º 137 da «Voz da Fátima» (13 de fevereiro de 1934) publicamos a declaração do sr. Breyssi, doutor de Medicina, de Yallon (França) já atribuindo a cura de sua filha, já em estado desesperado, a Nossa Senhora de Fátima. Em carta agora recebida sabemos que, apesar de uma constituição delicada, goza de uma boa saúde.

Graças diversas

— Mamei Patrícia Rodrigues — Arganil, tendo recebido por intermédio de Nossa Senhora de Fátima o favor do desaparecimento dum abelheiro que tinha no rosto, vem agradecer-lhe tal favor.

— D. Maria da Piedada Santos Laveiras, obteve por intermédio de N.ª Senhora de Fátima a cura de sua irmã que esteve desenganada pelos médicos.

Reconhecida, agradece a N.ª S.ª este favor.

— D. Amélia Mont'Alvares de Sequeira, — Horta, Açores, diz ter tido um seu filho prestes a morrer com um edema na glote para cuja cura se julgava de absoluta necessidade uma operação cirúrgica. Emquanto se faziam os preparativos para a operação, applicaram-se-lhe no pescoço panos embebidos em água quente a ver se tal tratamento facilitava um pouco a respiração do doente. Misturaram na água quente algumas gotas da água de Fátima, cuja excelsa Senhora invocaram em favor do doente.

Graças a Ella, dizem, a criança até ali albita e respira, e a mãe, pela falta de respiração, começou a sentir-se tão bem que o médico julgou já a operação desnecessária. Pouco tempo depois a criança estava perfeitamente bem, com grande alegria para toda a família.

— D. Maria Odina Magalhães Mendes — Porto, diz ter obtido por intermédio de Nossa Senhora de Fátima a cura de uma doença nervosa que a impedia de descansar e até de tomar o necessário alimento.

Feita uma novena, obteve a cura que, pede, aqui seja publicada.

— D. Narcisa da Silveira Pinheiro — Porto, teve, diz, uma sua netinha prestes a morrer com o garrotinho. O médico tirou-lhe já todas as esperanças da cura e abandonara-a deixando-se desnecessário empregar mais medicamentos humanos. Ouvindo isto, a família prostrou-se de joelhos junto do leito da enferma e implorou em seu auxilio a poderosa intercessão de Nossa Senhora de Fátima, a quem foram feitas diversas promessas. Graças a Ella, obteve-se a cura que hoje aqui vem publicamente agradecer.

— D. Isabel do Casuso — Lisboa, pede aqui seja publicamente agradecida a cura alcançada do céu em favor de uma sua amiga que esteve prestes a morrer com um quisto nos intestinos, e difíceis complicações interiores. A medicina havia esgotado todos os seus recursos em favor desta doente que, só obteve a cura mediante a intercessão de Nossa Senhora de Fátima.

— Joaquim José Pereira — Rio de Janeiro, diz ter alcançado por intermédio de N.ª S.ª de Fátima a cura de sua esposa, que

VOZ DA FATIMA.

NA INDIA

Doença de pele

Guntur 9th April 1934

Quero informá-lo que minha mulher Maria Madalena apanhou uma grave doença da pele e tendo sido tratada por diversos médicos nenhum conseguiu curá-la.

Já no último grau da doença fui informado pelo meu irmão Martin Bayer sobre os milagres operados pela água de Fátima. Escrevi-lhe imediatamente pedindo a alguma milagrosa que teve a amabilidade de me enviar e conectei uma novena a Nossa Senhora dando todos

os dias uma colthersinha de água a minha mulher. No sexto dia, enquanto estava a fazer a Novena tive a inspiração de informar o prior da freguesia do estado em que ella se encontrava.

O sacerdote veio vê-la e aconselhou-me que a enviasse para o Convento de S. José em Guntur.

Agora tenho o grande prazer de o informar que minha mulher saiu do hospital completamente curada. Os meus maiores agradecimentos à nossa querida Mãe de Fátima por ter salvo a vida de minha mulher estando ella já no seu leito de morte.

Que Nossa Senhora nos proteja e vele sempre por nós.

Pepo-lhe que publique este grande milagre. Envio duas rupias para uma Missa em honra de Nossa Senhora da Fátima.

V. J. Bayer



! Não coma tanta carne!
As apetitosas Sardinhas de Conserva alimentam muito mais e custam muito menos.

Com pão e manteiga é o melhor petisco que há.

Um honroso monopólio

As notícias que nos chegam do estrangeiro são sempre recebidas com ansiedade.

Nesta proximidade da guerra o interesse aumenta.

E então se as notícias dizem respeito a Portugal?

Pois é uma dessas notícias que hoje, com todo o gosto, vimos dar aos nossos leitores.

Trata-se, nem mais nem menos, dum monopólio concedido pela Alemanha a um súbdito português.

De que se trata?

Os católicos alemães que tanto têm crescido em devoção para com Nossa Senhora da Fátima, só querem receber imagens idas de Portugal e feitas pelo notável escultor: José Ferreira Tedim — do Coronado — Santo Tirso.

Precisando de livros nacionais e estrangeiros, consultai sempre a «União Gráfica».

Voz da Fátima

DESPESA	
Transporte	637.929\$88
Papel, comp. e impr. do n.º 136 (314.033 exemplares)	17.494\$85
Franquias, embalagens transporte, etc.	8.326\$97
Na administração	122\$90
Total	713.873\$80

Donativos desde 15\$00

- Rosa M. Machado — Porto, 20\$00;
- Emília Boudard — Porto, 20\$00;
- Catarina C. Paralta — Niza, 20\$00;
- F. M. da Silva — Hong-kong, 31\$47;
- M.ª B. da Silva — Hong-kong, 31\$47;
- Angelina Barnes — Kowloon, 31\$47;
- F. H. Barnes — Hong-kong, 31\$47;
- A. C. Sequeira — Hong-kong, 31\$47;
- C. M. Gomes — Hong-kong, 31\$47;
- Laura Loureiro — Hong-kong, 31\$47;
- A. C. Botelho — Hong-kong, 31\$47;
- Helena Botelho — Hong-kong, 31\$47;
- Filomena Agabeg — Hong-kong, 31\$47;
- F. J. Tavares — Hong-kong, 31\$47;
- J. M. Tavares — Hong-kong, 31\$47;
- J. S. Remédios — Hong-kong, 31\$47;
- F. L. Marques — Hong-kong, 20\$45;
- M. A. Silva — Hong-kong, 31\$47;
- Firmino Rosário — Hong-kong, 31\$47;
- André Peixoto — Braga, 20\$00; M.ª E. Sarmento — Foz do Douro, 20\$00;
- Baroneza de Samora Correia — Lisboa, 100\$00; Albertina Lage — Porto, 15\$00; Luis Cip. Esteves — Meica, 20\$00; Inês Macchi — Milano, 36\$00; M.ª V. Vivo — Calitórnia, 22\$80; Berta de Freitas — Flores, 36\$00; M.ª X. Vieira — Flores, 15\$00; Matilde Augusta Rodrigues — Freixendas, 30\$00; Glória Costa — P. de Varzim, 15\$00; M.ª Zélia Vaz — Vale Bemfeito, 15\$00; António A. Leite, 20\$00; José A. Mendes — Felgueiras, 20\$00; António Silva — França, 15\$00; Henrique Nascimento — Setúbal, 20\$00; Amaro Rodrigues — Lourenço Marques, 40\$00; M.ª J. Mendes — V.ª N.ª da Barónia, 20\$00; José C. Quém — Coruche, 15\$00; António E. Gomes — Coruche, 15\$00; António Bernardo Tavares — Figueira da Foz, 25\$00; Júlia R. Relvas — Porto, 20\$00; M.ª C. Abreu — Carvalhal, 20\$00; C.ª Moisés Noz — Brasil, 30\$00; Joaquim de Andrade — Lisboa, 20\$00; Alfredo M. Barreiro — Lisboa, 20\$00; Adelaide de Freitas — Madeira, 20\$00; Prior de Alcácer do Sal, 20\$00; Joana de S. Flores — Braga, 4000; Júlia M. Leitão — S. Miguel da Acha, 25\$00; Maria Isidori — Itália, 15\$00; M.ª Clementina Leal — Guarda, 25\$00; Virgínia Lino Neto — Gavilão, 30\$00; Joaquim R. Pinho — Lisboa, 20\$00; Anímaria de Coimbra, 20\$00; Helena M.ª Tavares, 20\$00; Albino Cardosa — Vila Covas, 30\$00; Alameda V.ª da Rocha — Porto, 30\$00; António S. Vieira — Brazil, 40\$00; Emolpas por intermédio de M.ª Carolina Caetano — Lagares da Beira, 70\$00; Guiomar Lauria — Brasil, 75\$00; Francisco Rodrigues Ribeiro — Castelo Branco, 40\$00; Lúcia C. L.ª — Souza — Alto, 20\$00; Colectora — Ana Joaquina Carvalho — Alandrol, 40\$00; P.º Eduardo D. Afonso — Sardoal, 20\$00; M.ª Emília Póvoa — Mangualde, 30\$00; P.º Manuel Ferreira Monteiro — Mangualde, 20\$00; M.ª da L. Brito — Vila Nova de Milfontes, 30\$00; José Calvírio — Valhascos, 36\$00; Sara Cerejo — Porto, 15\$00; Brilhantina Domingues — Lourenço Marques, 15\$00.

VISADO PELA CENSURA

CASA
ARNALDO TRINDADE & C.ª, LIM.ª
Especializada em
Rádio-Amplificações sonoras—
Cinema sonoro
ESCRITÓRIOS E OFICINA
Rua Formosa, 307 — PORTO

CINCO MINUTOS AO CAVALCO

As noivas e a todas as raparigas que aspiram a sê-lo

Quereis casar-vos?
Rezaí muito, para que Nossa Senhora vos faça conhecer a vossa vocação, e vos dê um noivo digno de vós; rezaí muito mais para que vos ajude a conservar a vossa frescura de raparigas puras e honradas, até ao dia do vosso casamento.

Não vos prepareis com pecados para o Matrimónio!

— Não escolhais para companheiro da vossa vida um rapaz sem Religião ou de poucas crenças! Não vos caséis com um jovem que não seja religioso e temente a Deus!

Sabeis porque? Porque seria uma desgraça para vós e para os vossos filhos, os filhos que Deus vos der. Ora vamos a pôr tudo em pratos limpos.

Uma desgraça para vós

porque vos arriscareis a perder, com elle, a vossa Fé e a vossa piedade. Por mais belas promessas que vos façam antes do casamento, por mais que vos afirmem deixar-vos inteira liberdade, bem de-prêse esqueceirão o que prometeram e de reacar é que vos não deixem seguir a vossa abençoada carreira. As promessas do noivado, em geral, não vão além da lua de mel...

Mais. Ainda mesmo que vosso marido sem fé não vos embarace, um dia ou outro há-de escarnecer as vossas devoções, e tanto vos serrazinará aos ouvidos, uma vez e outra, um mês e outro, um ano após outro, que acabareis por vos tornardes tíbias e relaxadas, à imagem e semelhança do vosso marido.

Conheço uma multidão de raparigas, hoje esposas e mães, a quem aconteceu isto mesmo.

Mas, imaginemos que não acontecia convosco. Dizel-me: marido e esposa não devem ser um só coração e uma só alma, na frase dos Livros Santos?

Ora como há-de ser um só coração e uma só alma, se o homem professa uma religião e a mulher outra? Se ella tem fé e elle não? Se o marido julga impo postura e falsidade aquilo que faz a esposa? Por isso, ainda que sejam muito amigos, de boa harmonia em todas as coisas, já não vivem em harmonia quanto aos sentimentos religiosos, que são os primeiros e mais queridos que devem ocupar o coração. Não pode, pois, ser inteiramente feliz, uma esposa com um marido sem religião.

Sem religião

E depois, isto aqui para nós: um marido sem religião difficilmente consegue ser-vos fiel, guardar-vos o respeito devido ao sacramento do Matrimónio...

Só o temor de Deus é que pode dar a um marido a força de não faltar nunca à fidelidade para com a sua companheira. Só a Religião lhe pode dizer: Não cometas adultério! E sempre um pecado, uma profanação do laço conjugal, um crime repelente, ainda que o mundo de nada suspeite! Deus tudo vê, e castiga sempre toda a violação das leis do Matrimónio!

E se elle não tem fé? Quem o obriga a guardar-vos essa absoluta fidelidade?

Mais ainda: um marido sem verdadeiras e sólidas crenças, há-de querer muitas vezes tor-

nar-vos cúmplices de pecados hediondos, que mancham a flor da castidade conjugal. Sim, porque pode haver verdadeiros crimes... e se vosso marido não tem fé nem temor de Deus, como haverá de convencê-lo a não pecar?

Hoje em dia, sobretudo, há quem pretenda impôr leis a Deus, mandar mais que elle e dizer: Não vos caséis com um rapaz sem Religião ou de poucas crenças! Não vos caséis com um jovem que não seja religioso e temente a Deus!

Os lares estão cheios destes crimes, que são a vergonha da sociedade moderna! E se os maridos não acreditam no pecado, que haverá de fazer? Perderdes talvez a vossa alma por causa d'elles... Entendidas?

Mas, suposto que nada disso se daria (o que é quasi certo com maridos sem fé), restava no fundo da vossa alma este profundo desgosto: *ainda que eu me salve, meu marido não se salvará! Irei para o Céu, por graça de Deus, mas ficarei eternamente separada d'elle, porque vai para o Inferno! Unidos na terra e desunidos na eternidade! Não mais nos tornaremos e ver!*

E agora a desgraça que é para os filhos

terem um pai que não pratica a Religião? Mas isto dá para outros largos, tem de ficar para outra vez. Bastava ser uma desgraça para vós, donzellas, para vos resolverdes a não escolherdes um homem sem fé, para companheiro de toda a vida e da própria eternidade.

Ilusão fatal

E não me digais: eu caso-me e depois, com as minhas artes, hei-de convertê-lo!

É certo que algumas santas, como se lê na sua vida, conseguiram converter os maridos; mas eram santas e vós, de certo, não sois como ellas! Há casos de conversões, por obra de graça dum esposa piedosa. Mas olhai que são raras! Pouco numerosas são os corvos brancos ou os ovos negros! Porque uma conversão só se consegue por um milagre da graça divina e os milagres são raros; ou não são? Na imensa maioria dos casos, o marido é que desconverte a esposa ou, pelo menos, muito tem ella que sofrer pela falta de fé do seu companheiro.

Há-os que até batem na esposa, se se atrever a falar-lhes em ir à igreja.

Portanto, minhas amigas, o caminho a seguir, para uma rapariga de juízo, é este e só este: *Esposa católica, marido católico.*

Esposa piedosa, marido piedoso.

Esposa crente, marido crente.

E nunca: *Esposa católica, marido não católico.*

Esposa piedosa, marido céptico.

Esposa crente, marido descrente.

Assim não fazem liga! O que produz a electricidade positiva, quando se junta com a negativa? Uma descarga! Pois o mesmo se há-de dar no vosso lar, se a Religião do vosso marido se não casa com a vossa.

E mais nada por hoje.

Ángela

Não compre ao acaso...

As fotos do vosso Bébé, são muito preciosas...

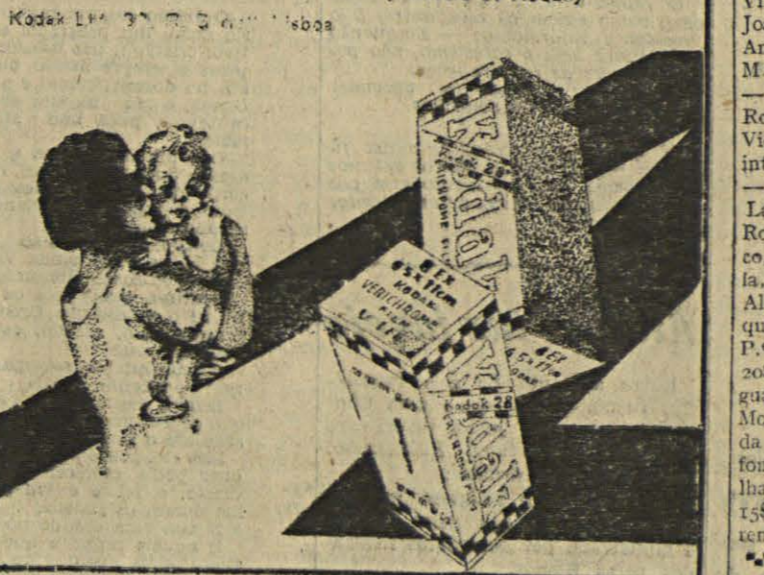
A PELICULA VERICHROME exclusivamente fabricada por Kodak, tem qualidades que a tornam insubstituível, nas fotografias do vosso encantador Bébé: Rapidez, latitude de exposição, perfeita reprodução das cores...

Mesmo se estiver escuro, ou se o vosso Bébé dormir tranquillo sob a capota do seu carrinho, tereis a certeza de obter uma boa fotografia se usardes VERICHROME.

Para que este resultado fosse possível, Kodak fabricou esta sua Pelicula, com uma dupla camada de emulsões, suas exclusivas, que vos salvaguardam das diferenças de luz. Ao sol como a sombra tereis sempre boas fotografias com

«VERICHROME»

(Película de Kodak)



CIMENTO «LIZ»

Fabricado segundo os mais modernos processos scientificos nas instalações medeiras de

MACEIRA=LIZ

Fiscalização permanente de todas as fases do fabrico
120.000 toneladas de produção anual

11 ANOS DE FABRICO EM FORNOS ROTATIVOS

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Sede: Rua do Cais de Santarém, 64, 1.º — LISBOA

Telefone P.ª, B.ª, X.ª, 2.331

Filial do Norte: Rua Formosa, 297, 1.º — PORTO

Telefone 4193

AGENCIAS EM TODO O PAIS

VOZ da Fátima

Página dos CRUZADOS

Aquêles com mil... e nós

Regressaram de Bruxelas, capital da Bélgica, os representantes da Juventude Operária Católica portuguesa, que de cáminha através de Portugal, Espanha e França, foram assistir à festa do 10.º ano da criação da *Juventude Operária Católica*, tomando as primeiras letras das três palavras: J. O. C.

Vieram encantados.

E o caso não era para menos. E não foi a beleza material dos monumentos que viram o que mais os encantou. Foi a beleza moral do que presenciaram no individual dia 25 de Agosto em Bruxelas.

Foram aquêles com mil jovens operários belgas que nas ruas da capital, com alegria, entusiasmo e vigor, aclamaram o Divino Trabalhador de Nazaré, Jesus Salvador dos homens e dignificador do trabalho, que na antiguidade era desprezado e reservado aos escravos.

Aquilo nunca mais se pode esquecer. Não são pedras mortas, trabalhadas a picão e cinzel, que formam um monumento material; são pedras vivas trabalhadas pela fé e pela moral cristã, que servirão para erigir o grandioso monumento da sociedade nova, em que o capital e o trabalho, a inteligência e o braço moverão num ambiente de paternidade, vendo todo o homem em todo o homem um filho do mesmo Deus!

Eram três ou quatro, há vinte anos, reunidos à capucha, em volta desse admirável padre Cardyn, que já três vezes veio a Portugal atear o mesmo fogo de amor a Jesus Cristo nos meios do trabalho. Eram três ou quatro — hoje são já mais de cem mil, e o movimento saiu para fora das fronteiras da pequena Bélgica, onde nasceu e só de França lá foram a Bruxelas, mais de 6.000 jovens operários em combóios especiais!

Ah! mas aquêles com mil — sejamos sinceros e digamos a verdade, a verdade toda por mais que nos custe — aquêles com mil valem muito mais que nós, que os nossos mais de trezentos mil cruzados, a caminho já de quatrocentos mil.

E porquê?

Porque aquêles formam uma organização activa, conquistadora, incendiária, por assim dizer, que se não limita a dar a ridícula quotazinha, mínima de 20 centavos por mês como os nossos Cruzados.

Ah! não! É preciso vê-los, é preciso conhecer a vida activa dessa rapazada, entusiasma, para ver a diferença entre aquêles com mil jovens e os nossos trezentos mil cruzados, homens e mulheres, novos e velhos, ricos e pobres!

Eles são verdadeiros apóstolos, almas tomadas do fogo Sagrado da propagação, que o quem ver ateados nos outros companheiros de trabalho que não recuam diante de nenhum sacrifício para ir levar Cristo a essas almas, para trazer essas almas a Cristo.

E vê-los quando nas grandes e pequenas cidades, nas vilas e aldeias, abalam de casa em casa, de rua em rua, a propagação com entusiasmo os seus jornais!

É preciso que todos nós, os que já demos o primeiro passo para a organização, arremetendo-nos neste grande exercício pacífico dos Cruzados de Fátima, não cuidemos que já fizemos muito! Não fizemos ainda nada, se o compararmos com o que fazem aquêles com mil operários jovens e ardentes que deixaram assombrada, mais uma vez, a população da sua capital.

Nós demos apenas o primeiro passo. Somos trezentos e tantos mil, mas só presos ainda pelo laço fraquinho do mínimo de 20 centavos mensais, para os fundos da Acção Católica. É preciso que entre estes trezentos mil haja dez vinte, cem mil, que com os olhos postos, naquêles com mil de Bruxelas, dêem o segundo passo; que formem uma legião escolhida, de voluntários de 30 ou 40 centavos por mês, para que a nossa organização católica caminhe desafiada e dentro de alguns anos — porque lá não se improvisou aquêles movimento como se se improvisam peregrinações: levou 10 anos! — para que dentro de alguns anos possamos também fazer desfilar diante da população assombrada de Lisboa com mil jovens trabalhadores portugueses, que afluam a capital de todos os recantos da nossa provincia!

Saudamos a nossa indolência, a nossa preguiça, o nosso egoísmo! Restauramos a nossa energia antiga, e se outros temos sempre homens para mandar as fronteiras scindir os panhóis e mouros e franceses, e as colónias repelir índios e estrangeiros que as tinham tomado, sabemos preparar uma geração de rapazes valentes e instruídos, que se apresentem assim, aos mil e mil a defender a sua fé cristã e os seus direitos de trabalhadores cristãos contra esses invasores que vêm da Rússia com ideias contrárias à nossa civilização, aos nossos costumes, à nossa fé.

Criemos entre os nossos trezentos mil, numa palavra, um corpo de cem mil como dos da Bélgica, para por cima das fronteiras da Espanha e da França, eles virem um dia a Lisboa, como os nossos foram a Bruxelas, e os recebermos então com orgulho de irmãos dignos de tais irmãos!

O Congresso dos 100.000 jovens operários católicos foi grandioso

São poucas todas as palavras que empregamos para exaltar o colossal congresso focista, que se realizou na Bélgica.

Com a maior ordem, sem um grito de ódio, com mil rapazes operários afirmaram a sua fé com entusiasmo, com ardor.

Estiveram presentes focistas da Suíça, do Canadá, da França, da Holanda, da Espanha, de Portugal. Até se viu lá um curioso grupo de pretos.

As Missas, o cortejo, a festa no Estádio, com cem mil rapazes gritando a plenos pulmões o seu amor a Cristo e ao Papa — foram espectáculos que não podem facilmente descrever-se.

Os que tiveram a felicidade de a eles assistir — nunca mais os poderão esquecer!

Na festa do Estádio, perguntava o côro:

— Há dez anos, Jocistas, quantos éreis vós?

— Menos de quinhentos, respondia a multidão.

— E hoje?

— Cem mil!

— E amanhã?

— Milhões... Milhões...

Recordemos, que em 1920, quando o jocismo começou, muitas, e entre eles vários sacerdotes, se iam da ingenuidade do P. Cardyn, filho de operários, que esperava conseguir alguma coisa com os seus processos novos.

O Cônego Cardyn, verdadeiro apóstolo da juventude das fábricas dirigiu ao focista do Congresso uma saudação, que reproduzimos. Vale a pena meditá-la.

O Congresso mundial da J. O. C. não é um fim. É apenas um passo, porque a J. O. C. mundial está prestes a nascer.

Ela espantará o mundo com as suas audácias e com as suas vitórias.

Jocistas de todos os países, vós que viestes a este primeiro encontro internacional, obrigado! Obrigado pela vossa fé, pela vossa coragem e pela vossa boa vontade. Os sacrifícios que acabais de fazer pelo triunfo deste dia são penhor seguro das vossas conquistas de amanhã!

Mostrastes hoje que não há no mundo senão uma Juventude Operária Cristã.

Esta Juventude não conhece o ódio, nem a violência, nem o egoísmo, nem a inveja.

Uma coisa apenas a move: o amor desinteressado de todos os jovens trabalhadores e de todas as almas, pertençam a que classe pertencerem, tenham nascido seja em que nação for.

A todas as ameaças de luta ou de guerra a J. O. C. oporá uma vontade inabalável da verdadeira paz, da única paz, da paz de Jesus Cristo!

Jocistas:

Mando-vos para as vossas famílias, para as vossas casas, para as vossas fábricas, para os vossos locais de trabalho, para as vossas organizações, para os vossos países, com a única palavra de ordem:

Conquista!

Conquista de vós mesmos;

Conquista dos vossos camaradas;

Conquista dos meios ambientes do trabalho;

Conquista das vossas famílias de hoje e de amanhã;

Jocistas, sede a glória de Cristo!

Jocistas, sede a honra do vosso País!

Jocistas, sede a esperança do vosso tempo!

Avante!

Quando poderemos realizar em Portugal um congresso como este?

Mas atentemos no que escreveu *Canta Claro*, com a sua tão notável arte de convencer, no último número de *O Trabalhador*, que é o jornal dos operários católicos portugueses. São verdades como punhos; mas é preciso, para salvação de todos, que deixem de o ser:

Que os 100.000 de Bruxelas, que o número não deslumbram nem desorientam, não é a quantidade que devemos olhar, é a qualidade!

Nós também aqui poderíamos reunir em qualquer praça de Lisboa dez, vinte, quarenta, cinquenta mil rapazes a gritar Viva o Divino Operário! É uma questão de dinheiro, de combóios, de organização, de campanha de imprensa!

E depois?

Depois, como nos dias esplendidos de Fátima, do Samedio, de Vila Vicosa, essa multidão dispersaria, e tudo ficaria como dantes. O número teria sido o mesmo, talvez, postos em acção meios proporcionados, seria até maior.

A qualidade que mata, a acção católica social metódica, completa, entusiástica, que cada dia parece renovar o ardor do apóstolo.

Mas não se ludam. Aquilo que viram é a messe pujante que resulta dum sementeira de longos anos. É um movimento de dentro para fora e não de fora para dentro. Para que uma messe exista é necessário a sementeira, o enterramento da semente, o tempo da germinação invisível, silenciosa, no seio da terra. O próximo cônego Cardyn não a previa já assim quando há dez anos criava, em momentos conversas, os iniciadores do movimento nas fábricas, como os dois apóstolos em Jerusalém não previam os triunfos a que estamos assistindo nos congressos internacionais eucarísticos em Santiago, em Chicago, em Buenos Aires...

Uma nota: Um jornal socialista belga, a pesar da sua má vontade contra o congresso, teve de confessar que se tinham reunido uns 60.000 focistas.

O que prova que eles não deviam ser menos de 100.000...

O Em.º Cardinal Patriarca de Lisboa a toda a gente encantou pelos primeiros da sua virtude e do seu trato, e pelo brilho da sua inteligência cultíssima. Já o mesmo aconteceu em Roma, em Paris, no Brasil, por toda a parte onde tem passado este glorioso Embaixador de Portugal!

O Palácio Real, a oração era feita piedosamente por toda a família real. Qual será a família que se envergonhará de fazer o mesmo, pensando em exemplos que têm de tão alto?

Os que empoleirados nos, seus corpos, olham para os outros com desprezo, e querem que todos os sirvam, esquecendo-se de que eles têm especial obrigação de servir — não são dignos de ser chefes, nem do nome glorioso de cristãos.

A Rainha Astrid não foi assim.

Por isso, o seu entêro foi uma grandiosa manifestação popular.

E que o povo, em regra, não é ingrato: só maltrata os que se servem, quando outros (verdadeiros arminhos) se valem da sua ignorância, para o desorientar!

Toda-se não menos que do P.º Caryn fundador da JOC (Juventude Operária Católica).

P.º Caryn quer que toda a mocidade operária tenha trabalho, saúde e alegria, e sobretudo, a saúde da alma que é a graça de Deus!

Quando deixas que a tristeza assente em teu coração; quando deixas que a tristeza se vá a vida do bom cristão.

(De Poesias Dispersas)

D. Bernardo de Vasconcelos

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

PREPAREMOS E FESTEJEMOS O DIA DA Acção Católica

Sendo de toda a conveniência preparar devidamente o «Dia da Acção Católica» que por disposição do nosso Venerando Episcopo é na Festa de Cristo Rei, que este ano ocorre em 27 de Outubro, a Junta Central dá, para esse efeito, as seguintes instruções a todas as organizações da Acção Católica Portuguesa:

1) O «Dia da Acção Católica» deve ser um dia de oração. Por isso, todas as direcções dos organismos já constituídos devem providenciar para que os respectivos associados assistam colectivamente aos actos de culto que na sua localidade se realizem em honra de Cristo-Rei e ofereçam as suas comunhões, orações e demais actos de piedade pelo triunfo da Acção Católica em Portugal.

2) O «Dia da Acção Católica» deve ser também um dia de propaganda e, neste sentido, as direcções dos organismos já constituídos devem esforçar-se por realizar sessões em que sejam expostos os grandes objectivos deste movimento de restauração cristã e os graves deveres que lhe impõe a consciência de todos os católicos.

3) Como o «Dia da Acção Católica» marca o início dum novo ano social, deve ser ainda um dia de reflexão, sendo portanto da maior conveniência que as direcções dos organismos já constituídos reúnam para apreciarem o caminho percorrido e as dificuldades encontradas e estabelecerem o programa e os métodos de trabalho para o novo ano.

4) Finalmente devem as direcções superiores tomar as necessárias providências para que se cumpra o que os estatutos determinam quanto ao provimento dos cargos nas diferentes esferas dos seus organismos.

5) A Junta Central exorta também todos os jornais católicos, os diários naquele dia e os semanários na semana imediatamente anterior, a publicarem números especialmente dedicados à propagação da Acção Católica.

Uma rainha como deve ser

A morte desastrosa da jovem Rainha Astrid, esposa do Rei da Bélgica, envolveu todo o seu país numa nuvem de tristeza, e impressionou profundamente a multidão.

Nosso Senhor Jesus Cristo disse um dia que aquêles que quisessem entrar no Reino do céu, se não deixarem a sua vida, a sua carne, a sua família, não poderão entrar.

A Rainha Astrid não esquecia estas palavras do Divino Mestre. Andava no meio do seu povo, vinha para a rua assistir à passagem dos processões. Visitava os pobres nas suas casas (como fazia o nosso Rei Dom Pedro V), apareceu nos dispensários que os socorrem.

Animava com a sua presença, o seu trabalho ou as suas esmolas, muitas obras de caridade.

Fazia festas ás crianças dos camponeses e dos operários.

O seu espirito verdadeiramente cristão fazia-a afastar-se tanto quanto podia, da glória do trono. Por isso, como escreveu Stephanus, cada belga lhe levantava um trono no seu coração.

Fôra educada no protestantismo. Mas aconteceu-lhe o que acontece sempre aos protestantes de boa fé: quando conhecem a Religião Católica — que é a única verdadeira — converteu-se. Foi o sôgro, o saudoso Rei Alberto I, um dos maiores heróis da Grande Guerra, quem lhe ensinou o Catecismo, que ela estudou profundamente e convenientemente.

Na Palácio Real, a oração era feita piedosamente por toda a família real. Qual será a família que se envergonhará de fazer o mesmo, pensando em exemplos que têm de tão alto?

Os que empoleirados nos, seus corpos, olham para os outros com desprezo, e querem que todos os sirvam, esquecendo-se de que eles têm especial obrigação de servir — não são dignos de ser chefes, nem do nome glorioso de cristãos.

A Rainha Astrid não foi assim.

Por isso, o seu entêro foi uma grandiosa manifestação popular.

E que o povo, em regra, não é ingrato: só maltrata os que se servem, quando outros (verdadeiros arminhos) se valem da sua ignorância, para o desorientar!

Toda-se não menos que do P.º Caryn fundador da JOC (Juventude Operária Católica).

P.º Caryn quer que toda a mocidade operária tenha trabalho, saúde e alegria, e sobretudo, a saúde da alma que é a graça de Deus!

Quando deixas que a tristeza assente em teu coração; quando deixas que a tristeza se vá a vida do bom cristão.

(De Poesias Dispersas)

D. Bernardo de Vasconcelos

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Números apavorantes Um caso que faz pensar

Número de réus que compareceram nos tribunais portugueses:

Em 1925 24 999

Em 1926 24 10.370

Em 1931 24 12.448

Quando começamos verdadeiramente a reagir contra este descabro, criando mais escolas católicas, e procurando levar à catequese o maior número possível de crianças?

E o Estado a quem estes males tanto affligem e preocupam, quando fará o que se faz lá fora: permitir a dentro das suas escolas o ensino religioso, para aquêles que o desejam?

Mal vai o país que não educar a infância. Dizia o grande sociólogo Le Play, em tempos de paz que se não pareciam nada com os tempestuosos dias de hoje: «Cada geração de crianças é uma nova invasão de bárbaros».

É preciso educá-las, livrá-las das suas más inclinações, aficção-lhes o espirito e o coração para que sejam trabalhadoras e bondosas, e não vendam incomodar os que já cá estavam, com as suas desordens, os seus crimes e as suas bombas.

E agora perguntamos muito em segredo: — Haverá em Portugal meio cento de verdadeiros educadores que não olhem a Religião Cristã como uma escola admirável de educação para a infância — e para os adultos?

Já o notável escritor Haussenville, exclamava, em plena Academia Francesa: — «Nunca as nações encontrando educador igual a Jesus Cristo!»

E o eminente historiador Camille Julian afirmava também, há anos,

na mesma Academia: «Sem Cristo, sentimos tudo incerto e frágil».

Querem saber um caso passado há pouco na América?

Começou a notar-se que havia uma cidade próxima de Nova-Iorque onde o número de rapazes e raparigas que eram presos por terem praticado algum crime estava a diminuir; era em Port-Chester.

Pelo contrário, nas terras da vizinhança cada vez se tinham de prender mais jovens.

O juiz, Mr. Smith, que, por sinal, era protestante, ficou intrigado com o caso. Porque é que Port-Chester melhorava, quando as outras terras iam de mal a pior?!

Fêz um inquérito. E viu que a mocidade de Port-Chester estava envolvida por uma verdadeira rede de obras sociais que os grandes educadores que são os Salesianos, lá tinham fundado.

Eram núcleos de escoteiros, bibliotecas, círculos de estudos, grupos dramáticos, orfeões, etc. — tudo dirigido pelo P.º Focaci, discípulo desse santo que trouxe o Céu à Terra: S. João Bosco!

Estava ali o segredo da superioridade de Port-Chester.

Educação cristã, ministrada por homens inteiramente consagrados a Deus. E o mesmo, aliás, um dos principais objectivos da Acção Católica. E estamos convencidos de que todos os patriotas, embora descrentes, estão de acordo com a Acção Católica neste ponto.

Ou terão algum sistema educativo que possa dar melhores frutos?...

Quem quer um tem de pagar... dois pares!

Outro dia precisei dum par de sapatos, e sem mais aquelas, dirigime a uma sapataria.

— Bons dias, rapaz, deixa cá ver um par de sapatos.

— Sim, senhor, respondeu o empregado. E, trazendo-os declarou-me: Olhe que o preço é fixo e paga-se adiantado: são 120\$00!

— Está bem!

Em mais reflexões sobre o elevado preço do calçado, atirei com os olhos para cima do balcão.

— Obrigado, aqui tem os sapatos. E o pupilo de S. Crispim deu-me para a mão.

Neste momento, duas impressões invadiram o meu espirito: o receio de que fossem pequenos... e a certeza de que eram amarelos...

Como é costume, pedi licença para os calçar a ver se me ficariam justos de mais.

Fui a experimentar, e o meu receio transformou-se em certeza: os sapatos eram pequenos, não me serviam.

— Olha, rapaz, estes não servem: são apertados; traz-me outro par maior do que este; e há ainda outra coisa: é que estes são amarelos, e eu sou vivo. Bem vê, sapatos amarelos com lato preto — não fica bem.

— Nada mais fácil: é preço fixo... e paga-se adiantado. São 120 escudos...

— O quê?! Então não dei já os 120? Não puz o dinheiro em cima do balcão!

— Perdão, patrão. Paguei o primeiro par, Agora tem de pagar o segundo.

— Mas eu não levo o primeiro; não me servem!

— Não importa! E regra da casa, pagar sempre o primeiro par.

Agora desejei outro par, segundo as suas conveniências... Como sabe as conveniências pagam-se. Onde iriamos nós parar se tivéssemos de aturar, de graça, os caprichos e as conveniências de cada um?!

— Mas, ó rapaz, isto não é um capricho! Por nenhum preço, eu posso ficar com uns sapatos que não me servem, e que, ainda por cima, são contrários ao meu estado; não me convem aquela cor... Quero o outro par, os pretos!

— Não digo o contrário, nem quero contrariar a sua liberdade de escolher outros... O que digo é que, se estes lhe agradam, tem de os pagar!

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

ro contrariar a sua liberdade de escolher outros... O que digo é que, se estes lhe agradam, tem de os pagar!

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

— Mas você do-cto bebeu de mais ao almoço! Então eu para levar um par de sapatos, tenho de pagar dois pares!...

— Eu nada lhe posso fazer. É a regra da casa!

Como eu precisava absolutamente dos sapatos, e na terra não havia outro sapateiro — paguei o que me exigiram... e não fui.

Quando muitos preparam a guerra, oremos pela paz!

A hora a que escrevemos, amontoam-se sobre o mundo nuvens pesadas... Estaremos nas vésperas duma nova guerra, que dará aos homens tão esquecidos de Deus uma horrível visão do Inferno?

«Pedimos a Deus que confunda as nações que desejam a guerra!» — bradou, há poucos dias, Sua Santidade Pio XI.

E falando a 2.000 enfermeiras católicas, de 27 nações, o Santo Padre aconselhou:

«Pedi que a guerra seja afastada, e sejamos poupados aos seus horrores!»

Cruzados de Fátima, ofereçamos as nossas orações e esmolas, as nossas boas obras e os nossos sacrificios para que Maria, a Rainha da Paz se compadeça de nós.

E para que Deus trate os homens não como merecem os seus pecados, mas sim com a Sua Infinita Misericórdia!

PARA RIR

O professor: — Se vinte e cinco amigos te fossem um dia visitar, e só tivesses uma lanterna, como é que resolvias o caso.

O aluno: — Esperava que se fossem emborra, para a comer sozinho.

Uma vizinha: — O meu marido hoje madrouzou! — Teve de ir acordar as galinhas, porque comemos ontem o galio.

— A mãe, quando a tia morreu, dormia de canhas preta? — Não, filha. Que disparate! — Mas a mãe não tinha tanta pena dela, de noite como de dia?!

O professor: — O menino está muito mal criado. Só pode estar ao pé de animalia... Ora, venha lá aqui para ao pé de mim!